

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: Tapirapé 61

Data: outubro 1993 Pg.: 13

Quarenta anos entre os Tapirapé

Odila, da Fraternidade Irmãzinhas de Jesus, conta nesta carta a experiência de trabalhar entre os Tapirapé, respeitando a sua própria maneira de viver

Gostaria de contar a vocês algo de nossa vida com o povo Tapirapé, na ótica dos "500 anos" — aniversário enormemente comentado da chegada, da invasão da Europa a este continente ou às três Américas, como se diz também.

A Fraternidade chegou à aldeia Tapirapé em 1952. Nessa época, eles estavam reduzidos a umas 50 pessoas (efeito da invasão que se perpetua através dos séculos). Hoje eles são 320... Durante esses 40 anos, tentamos aprender a viver com eles os valores da Fraternidade: respeito, partilha, amizade. Irmãzinha Genoveva Helena veio com o primeiro grupo e continua a viver aqui. Com ela celebramos esses 40 anos de presença.

Seria impossível fazer a história dessa aprendizagem jamais terminada, ou descrever a vida com todos os caminhos percorridos, revistos e corrigidos... Penso que a intuição do Irmão Carlos, de Irmãzinha Madalena, da Fraternidade, permitiu que ficássemos sempre alertas, atentas às mil facetas daquilo que pode e deve ser o respeito diante de uma outra cultura, de uma outra religião. Um povo que é diferente em meio a uma sociedade que quer aniquilar e desconhecer as diferenças — um povo que quer reconquistar seu lugar original nessa sociedade invasora, numa religião que se arroga o dever de integrar todo mundo em sua maneira de dizer e de celebrar a Deus e a sua criação. E não somente há 500 anos... É ainda história atual.

Essa "partilha de vida" segue o ritmo deles, ainda muito centraliza-



Menina Tapirapé, maio de 1990

do na agricultura. Mas não tendo marido, nem pai, nem irmão aqui... nós trabalhamos de maneira algo diferente das outras mulheres da aldeia, no que toca ao trabalho da roça. Os Tapirapé assimilaram essa diferença como consequência de uma opção que respeitam como tal: diferente de sua própria maneira de viver e de compreender a vida.

Todo ano fazemos então, como todas as famílias, nossa pequena plantação que normalmente nos faz viver. É Irmãzinha Genoveva Helena que, apesar da idade, assegura a maior parte deste trabalho atualmente. Quanto a mim, me divido entre a roça, o apoio dado aos dois jovens que cuidam da saúde e, desde há alguns anos, um serviço interno à

Fraternidade, que me obriga a viajar de vez em quando. Genoveva Helena se especializou nas peneiras, necessárias para a vida corrente e eu na confecção de redes de algodão. Essas são as atividades manuais. Há sempre um intercâmbio de bens entre determinadas famílias ou entre vizinhos, o que nos permite ter peixes ou ainda a carne que nos trazem da roça.

Os estudiosos a isso chamam sistema de reciprocidade. É uma lei da vida que evita a fome, mas que vai de encontro com as leis de nossa sociedade, já que, por si mesma, não permite a acumulação. Os Tapirapé sentem o quanto essa entrada no sistema do dinheiro põe em questão seu modo de vida. Nisso consiste a atual

preocupação deles: estão invadidos e ao mesmo tempo atraídos pelos bens de consumo. Como integrar as técnicas, os processos? Seria a acumulação um caminho obrigatório? Nesse nível também tentamos caminhar e conversar com eles sobre nossa própria descoberta, sobre aquilo que sabemos e aquilo em que cremos. E nessa partilha recíproca tem lugar uma crítica constante ou uma avaliação dos gestos e das decisões.

Apesar dessa partilha profunda e concreta da vida de todos os dias, devemos constatar uma grande falha: nós não falamos, na realidade, a língua deles na vida corrente, embora irmãzinha Mayle tenha contribuído enormemente para o estudo dela. Aporte que favoreceu a escola da aldeia, onde o ensino é bilíngüe. Isso nos "afasta" em muitos aspectos da vida deles, como podem imaginar.

Assim mesmo, nossa presença de 40 anos criou uma grande intimidade com os Tapirapé, mas atualmente sentimos certa dificuldade em situar-nos diante das gerações mais jovens, dos 15 aos 25 anos, majoritária e demasiada numerosa para que se possa manter o mesmo nível de intimidade. Têm, além disso, horizontes muito mais diversificados.

Como partilhar mais profundamente com eles os desafios atuais: "invasão" da sociedade de consumo, da técnica, da ciência... bem da humanidade — para a humanidade? Questões que podem parecer muito intelectuais, mas que são muito concretas...!

Irmãzinha Odila de Jesus